

ENSAIO TEOLITERÁRIO DE ESTÉTICA CRÍTICA A PARTIR DA VIDA E OBRA DO PROFETA GENTILEZA

Alessandro Rodrigues Rocha¹

FATERJ – Faculdade de Teologia Evangélica do Rio de Janeiro.

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura teológico-literária do profeta Gentileza, personagem marcante da urbanidade fluminense, a partir de sua atividade profética: fala, estética e escrita. Estabelece uma relação entre a encarnação, evento teológico e a encenação (evento estético), mostrando a aproximação que acontece na figura (bíblica ou não) do profeta.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia. Literatura. Gentileza. Estética crítica.

Introdução

A encarnação do Cristo de Deus é um dos mais densos mistérios da fé cristã. Como o não-homem se faz o homem? E se fosse possível responder ainda ficaria a questão mais difícil: por quê? A esta última interrogação, a teologia arrisca uma resposta da qual depende sua existência e relevância: **Graça**. O que poderia responder o porquê é também o que incide maior dramaticidade paradoxal sobre o evento da encarnação. A Graça pressupõe uma realidade não meritória que, quanto mais aguda for, mais a solicita. Na Graça, o não-mérito é assumido a partir de dentro. Tudo é cristificado.

Remetendo-nos ao evento pleno da Graça, tateamos teoliterariamente o que estamos chamando de Estética Crítica. A existência profética, anterior ou posterior à encarnação da Palavra, é também um evento encarnatório. Nela acontece a superação da dicotomia estética/ética que pauta a falação literária e teológica. A existência profética, que rasga o discurso literário com expressões incontidas de fulgor, integra o estético (entorno, ambiência, realidade na qual vive determinada personagem, inclusive ela própria) e o ético (posicionamento diante de tal realidade) num estético.

A existência profética é sempre encarnatória. O não-mundo para o qual ela se dirige é assumido gratuitamente, numa demonstração de gentileza, para ele mesmo testemunhar a possibilidade de um mundo-pleno. O ético será proclamado desde as

¹ Doutorando em Teologia pela PUC-Rio, coordenador acadêmico da FATERJ (Faculdade Teológica Evangélica do Rio de Janeiro)

interioridades mais interiores do estético, não como um estranho a ele, mas como um com ele. O substantivo se faz carne tornando substantiva nossa existência. Esta é a novidade da existência profética que o profeta Gentileza anuncia na companhia de outros companheiros seus de “ministério”. Sobre essa experiência teoliterária nos debruçamos, tentando desde a escrita, comungar do mistério encarnatório estético-crítico.

1. Na-Biografia ² do Gentileza

De repente, um homem se torna outro. Jeremias, manso e sensível, deve tornar-se um pilar de ferro, uma muralha de bronze, pois terá de condenar e destruir tudo aquilo que ama. Isaias, decente e respeitável, deve despojar-se de suas roupas: durante três anos, ele anda nu. Ezequiel, sacerdote escrupuloso que nunca experimentou a impureza, como alimentos cozidos nos excrementos e suja seu corpo. A Oséias, o Eterno diz: “Casa-te com uma prostituta; que ela te dê filhos de prostituta, pois o país se prostituiu, e não é apenas uma imagem”. O próprio casamento profetiza. A fala profética é pesada. Seu peso é sinal de sua autenticidade. Não se trata de deixar falar o coração, nem de dizer o que agrada à liberdade da imaginação. Os falsos profetas são amáveis e agradáveis: divertidos (artistas), mais do que profetas. Mas a fala profética se impõe de fora, ela é o próprio Fora, o peso e o sofrimento do Fora³.

No dia 23 de Dezembro do ano de 1961, seis dias depois da destruição do circo-mundo⁴, a Palavra de Javé foi dirigida a José Datrino⁵, enquanto trabalhava na periferia do Rio de Janeiro, nos seguintes termos:

² Na-biografia é uma brincadeira, neologismo, ou uma forma de gentileza com a vida de José Datrino. Nabi é o substantivo hebraico que descreve a condição de orador, porta-voz, profeta. Do ponto de vista teológico Nabi é mais que uma designação, é uma forma de ser no mundo em continuidade com uma missão confiada por Deus. Nabi é, portanto, “boca de Deus”. Para a questão teológico-gramatical Cf. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Vida Nova. p. 904-907. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo, Sinodal/Petrópolis, Vozes. p. 148. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes. p. 1221-1225. Para uma discussão teológica da expressão “boca de Deus”. Cf. FUEGLISTER, Nortker. *Palavra e Mensagem*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 267-270.

³ BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*, p. 117-118.

⁴ “Diz que o mundo ia se acabar, pois o mundo se acabou. A derrota de um circo queimado em Niterói é um mundo representado, porque o mundo é redondo e o mundo arredondado. Por este motivo então, Gentileza não tenha sossegado. O profeta do lado de lá, passou pro lado de cá pra consolar os irmãos que eram desconsolados. É isso que aconteceu, e o mundo redondo, e o circo é arredondado, por este motivo então, o mundo foi acabado”. GUELMAN, Leonardo. *Brasil: tempo de Gentileza*. p. 45. Neste dito do profeta Gentileza aparece de forma bastante evidente a dimensão apocalíptica de sua trajetória. A carga simbólica deste texto será retomada e aprofundada no capítulo seguinte.

⁵ “Como todo profeta, sentiu também ele um chamamento divino que veio através de um acontecimento de grande densidade trágica” (BOFF, Leonardo. *Gentileza*. *Jornal do Brasil*. Publicado em 07/05/2004).

...no dia de amanhã deixa os teus afazeres materiais do mundo para cumprir o espiritual na terra: ...vá como são José, representar Jesus de Nazaré na terra, perdoar toda a humanidade, ensinar a perdoar uns aos outros, e mostrar o caminho da verdade que é o Pai, fazer o ensinamento de Jesus na terra⁶.

José Datrino, quando ouviu a voz de Javé que o chamava à sua vocação, era um trabalhador estabelecido no ramo de transportes na periferia do Rio, após longa e dura peregrinação desde Cafelândia, interior de São Paulo, onde nasceu no ano de 1917. Em Cafelândia, José trabalhava a terra e puxava carroça por si e por outros, a fim de ganhar o sustento⁷.

Após percorrer longo e difícil caminho, como tantos outros Josés e não tão poucas Marias, já casado com Emi e pai de cinco filhos “dois femininos e dois masculinos”, José respondeu a Javé nos seguintes termos⁸:

No dia vinte e quatro de Dezembro de sessenta e um, eu deixei tudo. Aí fui pregoar em Niterói, levei meu caminhão de minha propriedade, comprei duas pipas de vinho de cem litros em Nova Iguaçu, para alegrar minha chegada em Niterói (...) Oh, meus irmãos, olha eu aqui to distribuindo vinho aqui (...) quem quiser tomar vinho não precisa pagar nada não, é só pedir por gentileza, que eu dou o vinho, é só dizer agradecido que já está pago (...) Então eu estava dando vinho para ensinar duas palavras: por gentileza, e agradecido. Por gentileza meus filhos, é colocar Jesus, Senhor Jesus, e agradecido é a graça, o Espírito Santo de Jesus⁹.

Distribuindo o vinho, a gentileza e o agradecido, o Espírito de Javé providenciou que José fosse preso. Conduzido pelos E(s)píritos – “o *esprit de finesse* que é o do coração, e o *esprit de géométrie*, que é a razão instrumental-legal”¹⁰ - à prisão, descobre que esta fica ao lado do circo-mundo que havia queimado.

Aquela terra estorricada pelo fogo devorador transformou-se no deserto¹¹ em que José foi sendo trabalhado por Javé. No deserto, trabalhou-se José, mas também ali José trabalhou. Na vocação do profeta, José e Javé trabalharam. Do trabalho de Javé

⁶ Cf. GUELMAN, Leonardo. *Brasil: tempo de Gentileza*, p. 24.

⁷ Cf. *Ibidem*, p. 20-22.

⁸ Cf. *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*. p. 27.

¹⁰ BOFF, Leonardo. *Espírito de Gentileza*. <http://www.cienciaefe.org.br/online/0404/gentileza.htm>. Visita em 19/11/2006.

¹¹ “A fala profética é uma fala errante que volta à exigência originária de um movimento, opondo-se a toda estabilidade, toda fixação a um enraizamento que seria repouso (...) o deserto é o fora, onde não se pode permanecer, já que estar nele é sempre já estar fora, e a fala profética é então aquela fala em que se exprimiria, com uma força desolada a relação nua com o Fora, quando ainda não há relações *possíveis*, impotência inicial, miséria da fome e do frio, que é o princípio da aliança, isto é, de uma troca de palavras em que se destaca a espantosa justeza da reciprocidade” BLANCHOT, Maurice. *Op. cit.* p.115-116.

surge um “novo homem”: José agradecido ou, simplesmente, profeta gentileza¹². Do trabalho de José surge o léxico que constitui a base existencial do “novo homem”. As primeiras palavras do léxico eram como um livrinho doce ao paladar e amargo às entranhas. Em suas páginas, duas palavras se contrapunham a outras duas: as primeiras diziam “Gentileza” e “Agradecido”, as outras, “por favor” e “obrigado”.

Com seu primeiro “livrinho Sagrado” o profeta iniciou seu ministério. O deserto, aos poucos, foi se transformando, como já acontecera anteriormente por obra de outro profeta de Javé:

Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram; estão com a língua seca de sede. Eu mesmo, Javé, responderei a eles; eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Pois eu vou rasgar córregos em colinas secas, abrir fontes pelos vales; transformarei o deserto num lago e a terra seca em minas de água. No lugar do deserto colocarei cedro, acácia, mirto e oliveira; na terra seca plantarei ciprestes, olmeiros e pinheiros, para que todos vejam e saibam, reflitam e aprendam que a mão de Javé fez isso, e quem o criou foi o Santo de Israel¹³.

Sobre a transformação do deserto do profeta Gentileza, estão registrados testemunhos de dois de seus discípulos:

...O profeta Gentileza fez daquele lugar trágico sua morada, e passou a consolar os corações daqueles que careciam de conforto espiritual e material. Lá abriu um poço de onde retirava água limpa, construiu um belo jardim florido e uma horta¹⁴.

Depurou o local, transformando-o num grande jardim circular. Abriu poço “onde corria água limpinha”, fez horta e cercou o terreno, denominando-o “paraíso do Gentileza” e ali assumiu a sua missão “de ser o consolador de todos aqueles que perderam seus entes queridos”¹⁵.

Tendo cumprido sua missão naquele lugar, o Espírito de Javé conduziu o profeta a apregoar a boa nova da gentileza no coração da urbanidade fluminense. Tomando uma barca foi para o outro lado do “Rio”. Chegando, encontrou uma grande multidão como ovelha que não tem pastor. Encontrou também lobos que se faziam parecer com ovelhas. Aos primeiros, Javé mandou que o profeta dissesse as seguintes palavras:

- Profeta, qual é a tua religião?

¹² Cf. OLIVEIRA, Maria José. *Gentileza nas palavras de um profeta urbano*. p. 6.

¹³ Isaías 41. 17-20.

¹⁴ OLIVEIRA, Maria José. *Op. Cit.* p. 6

¹⁵ GUELMAN, Leonardo. *Op. Cit.* p. 28.

Eu digo:

- A minha não, a nossa. A verdadeira, aquela que Jesus ensinou.

- Qual é? A católica?

- Não, Jesus não citou nome de religião nenhuma, Jesus ensinou assim:

“Adonde estiver dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei.”

Nesse caso toda a religião do mundo poderia ser válida, tem seiscentas e tantas, todas poderiam ser válidas com uma condição: não cobrando. Cobrou, tudo é traidor.

Aí eu digo assim:

- Meus filhos, quantos Deus nós temos no mundo? Não é um só Deus universal? Então no mundo nós temos que ter uma só religião, uma só casa de Deus, uma só igreja.

Religião é isso: nós estamos religados uns aos outros, religados a Deus, criador.

A casa de Deus é uma só, olha o teto dela, o céu.

Todo lugar que tiver no mundo, tem uma casa de Deus.

Agora adonde está a nossa salvação?

Dentro da igreja de oração ou no nosso coração?

- No nosso coração, né Profeta!? Nós é que somos a verdadeira igreja.

- O bom coração de cada um, meus filhos, de nós, de vós é a igreja.

O altar é o bom pensamento, por isso precisamos de Jesus todo o momento.

Bom coração, bom pensamento.

Ninguém pode andar sem Jesus, quem anda sem Jesus, anda nas trevas, sem luz, sem Deus, sem Jesus¹⁶.

Porém, aos lobos em pele de ovelhas; àqueles que são pastores de si mesmo, que bebem o leite, vestem a lã, matam as ovelhas gordas, mas não cuidam do rebanho; àqueles que não procuram fortalecer as fracas nem buscam aquelas que estão doentes, o profeta dirige as seguintes palavras de Javé:

Eu peço a todo o mundo, no meio da multidão:

- Não dê esmola a padre, não dê esmola a pastor, são tudo traidor.

O padre está esmolando,

o pastor está pastando,

e o papa está papando, papão, papão do capeta capital.

O papa anda em cima de tapete de ouro em Roma, o papa senta em cadeira de ouro, como com talher de ouro.

Aquela cúpula que o papa tem na cabeça é de brilhante, se vender aquele brilhante, dá para matar a fome.

O papa e seus brilhantes de ouro,

e os filhos dele morrendo de fome.

Isso é de Deus? Não!

Agora, esses padres, pastores, pronunciando o nome de Jesus,

Têm carro do ano, têm palacete, estação de rádio, têm avião para viajar.

Às custas de quem? Das irmãs que estão na paróquia¹⁷.

Às primeiras palavras do profeta, aquelas do “livrinho”, Javé foi acumulando muitas outras: AMORRR, HONRRA, UNIVPVFVEERRSSO. E em todo tempo o

¹⁶ Ibidem. p. 46.

¹⁷ Ibidem. p. 47.

profeta percorria as aldeias e cidades dessa massa urbana, anunciando sua boa nova: “Gentileza Gera Gentileza”, e, denunciando o príncipe desse mundo: o Capeta Capital.

Gentileza, Beleza, Perfeição, Riqueza, a Natureza, Amor(rr).
 Tá escrito justamente no meu peito.
 Aí eu digo para todo o mundo a minha pregação, às vezes venho num ônibus, um ônibus lotado, aí eu digo assim:
 - Olha meus filhos, todos nós, todos vós, vão anunciando: nós queremos Gentileza, confiamos com Gentileza.
 Se alguém perguntar quem é o Gentileza, vocês ensinam:
 é o nosso Pai, Criador celestial.
 Por que Deus é Gentileza? Porque é Beleza, Perfeição, Bondade, Riqueza, a Natureza, nosso Pai criador.

Natureza não vende terra,
 a natureza não cobra pra dar alimentação para nós.
 Esse dia lindo, essa luz que está em cima de nós, a nossa vida, ou seja, vem do mundo, é de graça, é Deus nosso Pai que dá.
 Agora o capeta do homem que é o capitalismo, é que vende tudo, destrói tudo, destruindo a própria humanidade,

Capeta vem de origem capital.
 É o viu metal.
 Faz o diabo, demônio marginal.
 Por esse motivo, a humanidade vive mal.
 Mal de destruição, mau de maldade, porque o capitalismo é falsidade, o pranto de toda a maldade, raiz de toda perversidade do mundo.
 É o dinheiro.

O dinheiro destrói a mente da humanidade.
 O dinheiro coloca a humanidade surda.
 O dinheiro destrói o amor.
 O dinheiro cega.
 O dinheiro mata.

Todo dia você lê o jornal, ouve rádio, televisão, só vê barbaridade:
 é crime, é assalto, é seqüestro, é vício, nudez, devassidão, fome e guerra.
 Vai ver qual é a causa:
 capitalismo¹⁸.

Essas palavras foram doces para muitos, porém, para outros, foram amargar até as entranhas. Como a um colega seu de ministério, cuja profecia lhe rendeu perseguições: “o profeta de Deus é um louco, o homem inspirado é um maluco¹⁹”, para o profeta Gentileza também não faltaram as incompreensões e perseguições. Muitos o chamaram de maluco, outros o prenderam em casas psiquiátricas. A todos, a resposta do profeta foi uma só: “Sou maluco para amar e louco para te salvar²⁰”.

¹⁸ Ibidem. p. 44.

¹⁹ Cf. Oséias 9.7-9.

²⁰ OLIVEIRA, Maria José. *Op. Cit.* p.8.

Com esta mensagem nos lábios e no coração, foi levado pelo Espírito de Javé aos quatro cantos da terra brasileira²¹: “meus filhos, Gentileza gera Gentileza, Amorr gera Amorr”. Seu anúncio era de conversão, uma voz que clama no deserto. Parecido com o que foi dito: “ O machado está posto na raiz das árvores. E toda a árvore que não der bom fruto será cortada e jogada no fogo²²”. Porém, José foi mais doce que João:

Nós estamos no fim dos tempos, justamente eu digo assim:

- Meu filho, hoje do jeito que nós estamos, estamos nos fins dos tempos, não pode mais condenar a ninguém, porque já ta tudo condenado. Temos que perdoar o pecador, não pode mandar ninguém para o inferno. O inferno ta lotado. Agora nós temos que orientar e mandar para o céu. O céu está vazio. As portas estão abertas, tem lugar pra todo o mundo.

Agora muitos me perguntam assim:

- adonde é o céu profeta?

O céu é a mente positiva de cada um, é o paraíso.

O mundo não se acabou, o mundo é o nosso pai. Agora tem o fim dos tempos, quer dizer, vai ser espiritualizado. Até 2000, o diabo está reinando, depois de 2000, ele perde o mandato.

Quem vai governar o mundo é o Espírito Santo de Deus.

Aí eu mando esclarecer todo mundo, uns aos outros:

Espírito Santo são todas as criaturas que respeitam a lei de Deus, que respeitam seu semelhante, esses são o Espírito Santo de Deus.

Agora aquele que desrespeita a lei de Deus, desrespeita seu semelhante, então ele é o espírito de porco, então nós devemos fazer uma limpeza no chiqueiro da porcada.

Aí muitos perguntam assim:

- Mas vai matar, profeta?

Eu digo:

Não, não vai matar ninguém porque Deus não cria nós para nós matar, Deus cria nós para nós amar.

Ele não mata ninguém, Ele chama, Ele purifica. Agora seus filhos que se matam por ele mesmo, que dizer mata e espírito, por desobediência a Deus²³.

Nas inúmeras andanças, sua palavra foi lançada tal como semente, umas caíram em terra má, porém outras... essas germinaram e deram frutos: dez por um, trinta por um, cem por um. Palavras lançadas no coração petrificado do urbano bem que podiam ser aquelas: “tirarei do peito deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne²⁴”. Mesmo não sendo, o feito foi muito parecido...

²¹ Segundo Leonardo Guelman, o profeta Gentileza percorreu 53 cidades espalhadas por todas as regiões brasileiras. *Op. Cit.* p. 35.

²² Mateus 3.10.

²³ GUELMAN, Leonardo. *Op. Cit.* p. 47.

²⁴ Ezequiel 11.19.

José Dadrino, homem trinitário até no nome ²⁵, ou simplesmente o homem agradecido, o da gentileza, viveu trinta e cinco anos apregoando a boa nova de um reino, onde Amorr que gera o amor é a forma e o conteúdo essenciais para a vida plena. O (A) Gentileza andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou...

Muitos depois disso disseram tê-lo visto, mas na verdade era um discípulo seu buscando fazer a mesma experiência iluminadora de seu mestre ²⁶. Alguns hinos de louvor à vida foram compostos em sua honra. Seus versos dizem:

Das flores a beleza
 Para o mundo recriar
 O vinho é a vida
 É preciso festejar
 Considerado um louco
 O poeta foi bem mais
 Deixando nas pilastras
 As palavras imortais
 Com a sabedoria universal
 Pregava contra o mundo desigual
 Gentileza gera perfeição
 Violência não ²⁷.

O mundo é uma escola
 A vida é o circo
 Amor palavra que liberta
 Já dizia o profeta ²⁸.

Filósofos refletiram sobre o seu pensamento. ²⁹ Boff chegou a dizer o seguinte:

A crítica da modernidade não é monopólio dos mestres do pensamento acadêmico, como Freud com seu *Mal-estar da civilização* ou a escola de Frankfurt, Horkheimer com seu *O eclipse da razão* e Habermas com o seu *Conhecimento e interesse*, ou mesmo toda a produção filosófica do Heidegger tardio. O Profeta Gentileza, representante do pensamento popular e cordial, chegou à mesma conclusão que aqueles mestres, mas foi mais certo que eles ao propor a alternativa: a gentileza como irradiação do cuidado e da ternura essencial ³⁰.

²⁵ O nome Dadrino é de origem italiana e significa *da trindade* ou *o que é trinitário*. *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. p. 267 e 1559.

²⁶ O cineasta Dado Amaral, em seu segundo filme sobre o Profeta Gentileza, fez a experiência de se vestir com as roupas do profeta e caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro. É impressionante como a figura do Gentileza é viva na memória do povo. Além desse filme, que é um média metragem, Dado fez um outro, o primeiro, que é um curta metragem.

²⁷ Trecho do samba enredo da G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio – carnaval de 2001.

²⁸ Trecho da música *Gentileza* de Mariza Monte – CD Memórias, Crônicas e Declarações de Amor.

²⁹ Leonardo Boff escreveu alguns artigos sobre o profeta, Cf. notas 4 e 9. O mesmo Leonardo orientou o trabalho de mestrado de Leonardo Guelman, Cf. nota 4 e outras.

³⁰ BOFF, Leonardo. *Gentileza*. *Jornal do Brasil*. Publicado em 07/05/2004.

O mesmo filósofo, só que agora com preocupações teológicas, propôs que o Profeta Gentileza fosse elevado (?) à condição de padroeiro do estado do Rio de Janeiro:

Sua mensagem é de extrema urgência no Rio dos dias atuais. Não bastam os patronos que temos, São Sebastião e São Jorge. Eles ainda usam símbolos de violência, a fecha no corpo e a lança contra o dragão. Precisamos de um símbolo puro como o Profeta Gentileza³¹.

Além da ciência, as artes também reverenciaram a gentileza do Profeta. No cinema ele ganhou duas homenagens³². Uma estátua sua foi erguida na originária Cafelândia. O cordelista Klévisson Viana, artista popular, lhe ofertou o cordel “Gentileza – o Profeta da brasilidade³³”. A música o cantou nas ruas empoeiradas e nas casas sofisticadas³⁴.

Mesmo tendo recebido tantas oportunidades de ver perpetuada memória, é nas suas palavras que isso fica garantido, pois todas as coisas passarão: céus e terras, ciências e artes, porém, as palavras que são para a vida eterna, estas nunca passarão.

O Profeta não morreu, porque o Profeta é a sua profecia, e esta profecia, teimosa, não cansa de dizer:

Nós não somos donos de nada, nós estamos de passagem.
A pessoa espiritualizada nunca morre,
Morre o nosso corpo, morre a matéria, o espírito não!
A matéria é igual a lâmpada iluminada, vai ser queimada,
retira a luz, coloca de novo para acender,
nós fazemos a passagem, quem é bom nunca morre,
agora quem é mau tá sempre morto,
morto de espírito³⁵.

As pessoas espiritualizadas vão ficar todo mundo igual a mim:
Nunca sou pobre,
Nunca estou doente,
Nunca sou velho, nunca morro,
Essa filosofia pertence a todo o mundo, meus filhos³⁶.

Embora sabendo destas palavras, com a saudade que todo discípulo tem do mestre que partiu (tanto aqueles de Emaús, quanto os do Rio), quando foi perguntado

³¹ BOFF, Leonardo. *Espírito de Gentileza*. <http://www.cienciaefe.org.br/online/0404/gentileza.htm>. Visita em 19/11/2006.

³² Cf. nota 25.

³³ OLIVEIRA, Maria José. *Op. cit.* p. 13.

³⁴ Cf. notas 26 e 27.

³⁵ GUELMAN, Leonardo. *Op. Cit.* p. 53.

³⁶ *Ibidem*. p. 45.

sobre o motivo da morte do Profeta, um discípulo seu disse: “a vida de profeta é dura³⁷”.

2. Estética Crítica como chave para o *univvvrso* Gentileza.

Cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá, a qual engloba tanto o objeto quanto a resposta que a personagem lhe dá (uma resposta à resposta); neste sentido, o autor acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam; **na vida**, porém, essas respostas são de natureza dispersa, são precisamente respostas a manifestações particulares e não ao todo do homem, a ele inteiro; e mesmo onde apresentamos definições acabadas de todo o homem – bondoso, mau, bom, egoísta, etc. - , essas definições traduzem a posição prático-vital que assumimos em relação a ele, não o definem quanto fazem um certo prognóstico do que se deve e não se deve esperar dele, ou, por último, trata-se apenas de impressões fortuitas do todo ou de uma generalização empírica precária; **na vida** não nos interessa o todo do homem, mas apenas alguns de seus atos com os quais operamos na prática e que nos interessam de uma forma ou de outra (...) Já **na obra de arte**, a resposta do autor às manifestações isoladas da personagem se baseiam numa resposta única ao *todo* da personagem, cujas manifestações particulares são todas importantes para caracterizar esse todo como elemento da obra. É especificamente estética essa resposta ao todo da pessoa-personagem, e essa resposta reúne todas as definições e avaliações ético-cognitivas e lhes dá acabamento em um todo concreto-conceitual singular e único e também semântico³⁸.

Mikhail Bakhtin, introduzindo o capítulo “O autor e a personagem”, observa que há uma topografia própria para a vida e outra para a arte. À vida se destina o fragmentário: os atos alheios que nos interessam porque são também os nossos; à obra de arte, porém, dirige-se a ocupação com o todo, mesmo que se a partir do particular, na perspectiva de integração estética da personagem.

Este acento topográfico marca certa descontinuidade entre ação-reflexão e a contemplação, e, por decorrência, entre ética e estética. Esta descontinuidade, porém, e o que é mais grave, não se dá em seguimentos distintos e distanciados, mas no próprio indivíduo que percebe seu ser cindido entre o que é e o que cria; naquilo que é, o é fragmentariamente ético e eticamente fragmentário. Mas, no que cria... Seria esse o drama próprio do ser artista?

³⁷ Depoimento de Dado Amaral em aula proferida no Departamento de Teologia da PUC-Rio em 07/11/2006

³⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. p. 3-4. Grifos nossos.

A preservação dessa segura topografia, onde se pode transitar do autor à personagem, do criado ao vivido, parece uma forma justa de preservar certa lucidez frente a mundos tão distintos (?). Evita-se dessa forma incorrer no risco da loucura - de ser chamado louco - que consiste em eliminar as barreiras entre o real (que foi elegido como tal) e o imaginário (o realmente desejado para o real). Nesse colo-tópos somos embalados por certa cantiga lingüística que nos convence, porque assim desejamos, da preservação da cisão, onde ao autor e à sua personagem cabem discursos e procedimentos diferentes e, conseqüentemente, julgamentos diferentes. Em qualquer caso contrário, as instituições policialescas, que vigiam e punem, agem sem demora.

2.1. A Estética Crítica como superação da descontinuidade Ética Estética.

Essa descontinuidade entre estética e ética, contemplação e ação, criado e vivido, presente nas diversas formas de discurso artístico, em alguns momentos, toca em seus limites últimos. Surge uma nova forma de ser no mundo, um outro jeito de lidar com a realidade (que agora é tanto aquela determinada quanto a que se imaginava imaginária). Nasce um outro tipo de discurso que rompe com o esteticamente aceitável e com o topograficamente seguro. Uns diriam que nesse momento (que não é aquele instante, mas uma eternidade que encarna um tempo concreto) nasce um louco, outros (mais sábios, quem sabe), testemunhariam o vir-a-ser de um profeta.

Essa ação discursiva que emana da integralidade do ser do louco/profeta, marca certa fusão da vida e da obra de arte, que se encontram em tal coerência que uma e outra são tanto éticas quanto estéticas. A este momento limiar de superação lingüístico-existencial chamamos Estética Crítica. A distância entre a vida do “autor” e de seu “personagem”, é resumida ao espaço de um devir onde é a mesma a topografia do vivido e do criado. O criado é a exteriorização do vivido (ou do desejo de), e o vivido é a própria ontologia do criado.

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão - , o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa e daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois

diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa³⁹.

Na existência de um profeta, essa “urgente fusão” do vivido e do criado, da ética e da estética, acontece definitivamente, marcando no mundo um lugar possível a ela. O profeta toma toda realidade cindida, integra-a em sua existência (não como quem representa) e mostra ao mundo a possibilidade de integração. No mundo surge um não-mundo que o chama a converter-se àquilo que deveria ser. Por isso o profeta precisa ser um louco, ao menos para os que desejam permanecer em sua “sanidade”. Pois seu ser-no-mundo afirma que o não-mundo é precisamente o mundo-pleno.

Aqui se encontra o peso da existência profética: sua fala não é lançada ao futuro, ela não se dirige ao não-tempo que se poderia apreender pela descomprometida contemplação. Antes, ela fala do, e, sobretudo, para o agora, no sentido de chamá-lo à conversão, a fim de que se constitua num devir kairológico.

O termo “profeta” – tomado do grego para designar uma condição estranha à cultura grega – nos enganaria se nos convidasse a fazer do *nabi* aquele que diz o futuro. A profecia não é apenas uma fala futura. É uma dimensão da fala que a compromete em relações com o tempo muito mais importantes do que a simples descoberta de certos acontecimentos vindouros. Prever e anunciar algum futuro é pouca coisa, se esse futuro se insere no curso ordinário da duração e se exprime na regularidade da linguagem. Mas a fala profética anuncia um futuro impossível, que não poderíamos viver e que deve transtornar todos os dados seguros da existência. Quando a palavra se torna profética, não é o futuro que é dado, é o presente que é retirado, e toda a possibilidade de uma presença firme, estável e durável⁴⁰.

Compreendemos que é exatamente a Estética Crítica que possibilita ao profeta tomar aquilo que estava destinado à relação estética, portanto contemplativa, e, vazando-a pela dimensão ética, apresentá-la como o devir kairológico que constitui o mundo-pleno. O estético e o ético, na perspectiva da Estética Crítica, formam o binômio ontológico da existência profética. Mais do que isto, estético e ético fundem-se num “uninômio”: **est-ética**.

Segundo a Estética Crítica a existência profética é “uninômica”, assumindo nela mesma o “mundo impossível”, o não-mundo, e fazendo deste, numa dinâmica

³⁹ Ibidem. p. 21.

⁴⁰ BLANCHOT, Maurice. *Op. Cit.* p. 114.

integradora, a única possibilidade de vivência do mundo-pleno. “o profeta de Deus é um louco, o homem inspirado é um maluco⁴¹”.

2.2. Estética Crítica como chave hermenêutica para a existência profética: visitando Gentileza e seus companheiros

A Estética crítica, que estamos propondo, é uma ferramenta para a crítica teoliterária, uma perspectiva de abordagem à literatura capaz lidar com determinados espaços (ou às vezes gêneros) literários limítrofes, onde o fulgor revela sua densidade teológica que, consciente ou não, irrompe no discurso, marcando-o em sua totalidade.

Esta ferramenta constitui-se também numa hermenêutica teoliterária. Há, portanto, um lugar de leitura específico a ser afirmado, um ponto de vista sobre a discursividade literária (em suas experiências de fulgor) que marca a superação do binômio estética/ética, pela expressividade sintético-integradora est-ética.

A Estética Crítica, como hermenêutica da experiência teoliterária, tem um olhar específico sobre a vivência profética e toda a discursividade que dela advém. Tendo dito que o profeta (o Gentileza, mas antes dele vários outros companheiros seus) assume a dramaticidade de seu espaço de missão, integrando-a em sua existência, para a partir dela criticar esse espaço, propondo um outro como o próprio da vida plena, é preciso ainda afirmar que a interpretação desta existência deve superar a leitura simbólica.

A experiência do profeta com a realidade não é simbólica. Isso já seria afirmar uma percepção dicotômica acerca do real. Antes, o profeta e sua profecia devem ser lidos com a força densa da concretude de sua visão e de suas atitudes.

A leitura simbólica é provavelmente o pior modo de ler um texto literário. Cada vez que somos incomodados por uma leitura mais forte, dizemos: é um símbolo. Esse muro que é a Bíblia se tornou, assim, uma suave transparência em que se colorem de melancolia as pequenas fadigas da alma (...) Entretanto, se as palavras proféticas chegassem até nós, o que elas nos fariam sentir é que não contêm nem alegoria nem símbolo, mas que, pela força concreta do vocábulo, elas desnudam as coisas, nudez que é como a de um imenso rosto que não vemos e que, como um rosto, é luz, o absoluto da luz, assustadora e encantadora, familiar e inapreensível, imediatamente presente e infinitamente estrangeira, sempre por vir, sempre por descobrir e mesmo por provocar, embora tão legível quanto pode ser a nudez do rosto humano: nesse sentido somente, figura. A profecia é uma mímica viva⁴².

⁴¹ Cf. nota 18.

⁴² BLANCHOT, Maurice. *Op. cit.*, p. 122.

É exatamente essa literalidade que marca o profeta em seu ser-no-mundo, que precisa estar presente na atitude hermenêutica de quem se coloca diante de seus textos, ditos, artefatos, silêncios...É isso que queremos fazer a partir da est-ética do profeta Gentileza, e de um seu companheiro de missão⁴³. Começaremos por Oséias. Nossa intenção, com esse exercício, não é outra senão perceber brevemente a superação do distanciamento entre o estético e o ético, do autor (entorno) e de sua personagem (missão).

O quadro no qual Oséias desenvolveu sua existência profética era o seguinte: o povo estava se desviando de sua relação com Javé e sua lei e, adorando outros deuses. Esse afastamento significava todo um processo de corrupção no seio daquela sociedade. Airton José da Silva percebe três categorias negativas relacionadas com o entorno da profecia de Oséias:

- A falta de conhecimento de Deus, que se manifesta como ausência de fidelidade e solidariedade;
- As desordens sociais, causadas pela falta de conhecimento: perjúrio, mentira, assassinio, roubo, adultério, homicídio;
- A morte, com a degradação do universo. As feras, pássaros e os peixes desaparecem. O homem fenece⁴⁴.

Essa situação é descrita pelo profeta Oséias nos seguintes termos:

O vinho e o licor tiram a razão.

O meu povo consulta um pedaço de madeira, e seu bastão lhe dá uma resposta, porque um espírito de **prostituição** os extravia e eles se **prostituem**, afastando-se do seu Deus.

Vivem oferecendo sacrifícios nos altos dos montes, queimando incenso sobre as colinas ou debaixo de um carvalho, de um salgueiro ou de um terebinto, cuja sombra lhes agrada. Por isso, as filhas de vocês se **prostituem** e as suas noras cometem adultério.

Eu não vou castigar suas filhas por se **prostituírem**, nem suas noras por cometerem adultério, pois vocês mesmos andam com **prostitutas** e sacrificam com as **prostitutas** sagradas. Um povo sem entendimento caminha para a perdição.

Se você se faz de **prostituta**, ó Israel, que não caia Judá no mesmo pecado! Deixem de fazer romarias a Guilgal (...) Efraim se aliou aos ídolos, e se fez

⁴³ Esse exercício hermenêutico poderia ser feito com outros profetas bíblicos, senão todos, sobretudo, com Isaías (que viveu três anos nu para demonstrar o pecado do povo), e Jeremias (que andou com uma canga no pescoço para mostrar ao povo sua condição de escravidão). Nossa escolha de Oséias se dá pela dramaticidade de seu serviço profético bem como pela necessidade de delimitação.

⁴⁴ SILVA, Airton José da. *A Voz Necessária: Encontro com os Profetas do Século VIII*, p. 76.

acompanhar de beberrões; entregaram-se à **prostituição**, preferiram a desonra à dignidade⁴⁵.

Esse é, portanto, o entorno no qual o profeta estava vivendo sua missão. É o não-mundo que Oséias deveria assumir, não só em sua mensagem, mas na vida, como experiência sua, para somente a partir daí poder formular seu discurso profético. Não há uma realidade a ser contemplada para a qual se poderia dirigir um juízo ético. A realidade deveria ser assumida em sua própria estética, pois só desta forma a fala de Oséias representaria uma fala profética.

Esse não-mundo de Oséias é identificado no texto que citamos acima pela prostituição. Prostituição é a categoria de vida que tanto o povo quanto o Estado estavam vivendo: “...você mesmos andam com prostitutas...”, ...você se fez de prostituta, ó Israel...”. Esta é a realidade que deveria ser tocada pela fala profética. Esse era o não-mundo que deveria ser tornado mundo-pleno. Como fazê-lo?

Começo das palavras de Javé por intermédio de Oséias. Javé disse a Oséias: “Vá! Tome uma prostituta e os filhos da prostituição, porque o país se prostituiu, afastando-se de Javé. E Oséias foi e tomou Gomer, filha de Deblaim. Ela ficou grávida e lhe deu um filho⁴⁶.”

O não-mundo de Oséias não está somente em seu entorno. Sua própria condição passa a se identificar com sua exterioridade. Nem seria mais adequado falar de exterioridade e interioridade, não há mais entorno e vivência privada. Toda a realidade se constitui num não-mundo, que o é em função da condenação de Deus.

Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel!
 Javé abre um processo contra os moradores do país, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus no país.
 Há juramento falso e mentira, assassínio e roubo, adultério e violência; e sangue derramado se ajunta a sangue derramado.
 Por isso, a terra geme e seus moradores desfalecem; as feras, as aves do céu e até peixes do mar estão desaparecendo⁴⁷.

O profeta não contempla esse não-mundo, antes ele o faz seu (ou dele é feito em virtude de sua existência profética), não simplesmente para condená-lo, mas para,

⁴⁵ Oséias 4. 11-18.

⁴⁶ Ibidem. 1. 2-3.

⁴⁷ Ibidem. 4. 1-3.

exortando-o, mostrar-lhe o mundo-pleno, que, mesmo parecendo impossível, ganha lugar na história a partir da vida mesma do profeta. Aos que perguntarem se seria mesmo possível viver tal coisa, o profeta pode testemunhar de sua possibilidade mostrando-a concretamente em sua própria vida.

Diante de todo o povo de Israel Oséias vive os sabores e dissabores daquela relação-evento⁴⁸, mostrando os caminhos para a superação de toda desordem causada pela prostituição (em todas as suas formas de presença), a partir de seu convívio com Gomer. O não-mundo foi cedendo espaço ao mundo-pleno, mesmo que vivenciado nuclearmente no horizonte existencial de Oséias.

É na superação da dicotomia estética/ética, que pode ser instaurado outro tipo realidade possível. A partir da existência profética de Oséias, Javé pode anunciar a Israel (sua própria noiva prostituta) aquilo que já havia visto na vida de seu profeta.

Agora, sou eu que vou seduzi-la, vou levá-la ao deserto e conquistar seu coração.

(...) Nesse dia, farei deles uma aliança com as feras, com as aves do céu e com os répteis da terra. Eliminarei da terra o arco, a espada e a guerra; e, então, vou fazê-los dormir em segurança.

Eu me casarei com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura.

Eu me casarei com você na fidelidade e você conhecerá Javé⁴⁹.

A existência profética é o espaço de antecipação da fala profética. O mundo-pleno acontece antes mesmo de ser anunciado. Seu anúncio é de tal forma impactante, porque há uma realidade que o antecede. A existência do profeta é um devir Kairológico que dá autenticidade a sua fala.

A existência do profeta gentileza é um devir kairológico que dá autenticidade à sua fala. O cenário de sua existência profética foi a cidade do Rio de Janeiro, com todos os desencontros (e alguns encontros) que fazem de uma metrópole um espaço fértil para o cultivo dos não-lugares, das não-pessoas, das não-identidades. Nessa cidade os encontros, os toques, se dão mais por atropelos do que por afagos. A presença de tão numerosa multidão não se converte em companhia, por vezes faz aprofundar o vazio da solidão.

⁴⁸ Os capítulos dois e três de Oséias narram as dificuldades que o profeta encontra para viver sua relação-evento com Gomer.

⁴⁹ Oséias 2. 16, 20-22.

O bom humor do carioca vai cedendo espaço a certo ar de desconfiança, que teme a violência desmedida. O gesto afável é confundido com a abordagem fortuita. A beleza presente em todo lugar (todo = lugares acessíveis a certa classe social) encontra-se em abraço promíscuo com os não-lugares onde vive (apesar de) boa parte da população dessa cidade maravilhosa. Pena que a maravilha da cidade esteja cada vez mais vinculada com o reluzir do vil metal.

Nesta ambiência, “o profeta Gentileza semeou bondade nos corações de quem o conheceu⁵⁰”. Desde sua presença na terra ressequida do circo queimado, pode-se notar a superação da dicotomia estética/ética, própria da existência profética. Em sua própria interpretação sobre o incêndio, já é possível perceber sua visão integradora da realidade: “(...) A derrota de um circo queimado em Niterói é um mundo representado, porque o mundo é redondo e o circo arredondado⁵¹”.

Ao assumir aquele não-lugar com seu mesmo, ele o transformou em um paraíso, “o paraíso Gentileza⁵²”. Não palavreou sobre o incêndio, não assuntou sobre suas causas, não apregoou nenhuma palavra religiosa, em suma não precipitou nenhum juízo ético distanciado, como quem contempla de fora uma situação. Foi para aquele não-mundo destruído e o recriou solidariamente construindo um poço, um jardim, uma horta, elementos de vida presentes nas tradições religiosas. O não-mundo tornou-se protologicamente um mundo pleno.

As palavras de João a respeito de Jesus podem ser parafraseadas para o profeta Gentileza: Ele assumiu a “nossa” condição e armou sua tenda (caminhão) entre nós. Depois de mostrar um mundo-pleno possível construído sobre a partir do não-mundo, Gentileza “tomou uma barca e foi para o outro lado do Rio”. Lá chegando pôs-se a anunciar a boa nova do Reino: gentileza gera gentileza. Esse não é qualquer anúncio, não constitui qualquer palavra daquelas que são ditas sem maior importância nas esquinas ou nos botecos. Gentileza é palavra-conteúdo, mundo-pleno, contra o não-mundo.

Aos poucos foi assumindo em sua existência profética, da mesma forma que Oséias foi recebendo sua amada prostituta, os traços da urbanidade. Assumiu-os ressignificando-os. Só quem vê como é tratado um morador de rua (embora o profeta

⁵⁰ OLIVEIRA, Maria José. *Op. cit.* p. 2.

⁵¹ GUELMAN, Leonardo. *Op. cit.* p. 45.

⁵² Cf. *ibidem*, p. 28.

não o fosse de fato) no Rio de Janeiro ou em qualquer outro lugar, pode imaginar o que o José da Trindade viveu nos primeiros momentos de sua trajetória profética.

Certamente acolheu em si mesmo a agressividade urbana que se radicaliza naqueles que menos podem reagir, e condenou-a como a ruína da sociedade atual. Porém, sua condenação não toma a estratégia do agressor, antes, a subverte; estampado em sua túnica estava o veredicto: “Gentileza é o remédio de todos os males, amorrr e liberdade”, “Não usem problemas, não usem pobreza, usem amorrr Gentileza”.⁵³

Ele próprio, na totalidade est-ética de sua existência profética, era o devir kairológico que conferia peso e densidade à sua fala. Comentando outra síntese discursiva presente em sua túnica, Leonardo Guelman afirma:

Em **Gentileza É Recordação** só podemos recordar algo que não mais está presente ou plenamente visível no mundo. É este o seu reclame. O profeta visa a devolver ao mundo um princípio de totalidade calcado na cordialidade e na convivialidade enquanto uma expressão afetiva das relações entre os homens, à luz de uma primordialidade divina. Embora a gentileza se concretize numa pessoa, ela não se constitui num objeto de adoração⁵⁴.

Sua pre-sença reclama a superação do não-mundo. Seu léxico inicial “Gentileza” e “agradecido”, em relação antitética com o léxico superficial da vida urbana: “por favor” e “obrigado”, provoca numa ação afetiva concreta a pre-sença do mundo-pleno. Na verdade, a pre-sença do Gentileza já é a pre-sença do mundo-pleno por ele anunciado.

A integralidade est-ética assumida na existência do Profeta está presente em todos os seus gestos, atos, objetos e escritos. Nenhum elemento é supérfluo, nenhuma palavra é prolixa, nenhum objeto é descartável. Com lucidez advinda de sua íntima relação com o univvverso, que ele entende como trinitário, Gentileza revela o significado de parte dos elementos que compõem seu mundo plenificado protologicamente:

As flores é porque eu sou o jardim ambulante. Vocês são flor do meu jardim...
tem que se entregar ao dono do jardim. Tem que passar o visto no jardim.
Depois de eu passar o visto no jardim, vocês vão ser os jardineiros(...)
Agora o cata-vento é para refrescar a mente da humanidade. Para que todo o mundo ande coma mente fresca e positiva(...)

⁵³ Ibidem. p. 62.

⁵⁴ Ibidem. p. 63.

E a bandeira, a nossa bandeira brasileira, é a mais linda do universo (...)
E o profeta é patriota até no pé⁵⁵.

A esta última referência: “o profeta é patriota até no pé”, poderia acrescentar o que se disse o outro profeta: “como são belos os pés do mensageiro que anuncia a paz...”⁵⁶. Os pés do profeta, seus sapatos, revelavam a origem e o destino de suas pegadas. Neles estava grafado o mesmo que em sua certidão de nascimento: as letras **F P E**, Pai, Filho e Espírito Santo. Quem sabe esse seja o elemento teológico de mais densidade na existência profética do Gentileza.

É, porém, a sua grafia (seu estilo, mas principalmente o local escolhido para sua escrita) que mais radicalmente revela a integração est-ética de sua existência profética. Sobre o estilo e a codificação de sua escrita, o trabalho de Leonardo Guelman é insuperável⁵⁷. O que gostaríamos de frisar aqui é o lugar em que essa escritura, sobretudo as “tábuas sagradas” do viaduto do Caju, estão grafadas.

Do ponto de vista de nossa proposição acerca da Estética Crítica, as 55 “tábuas sagradas” que formam o cânon profético-urbano do Gentileza tomam o não-lugar para fazer dele um lugar sagrado.

Aquelas pilastras marcam duas cenas que cada pessoa é capaz de reconhecer: a primeira faz parte da construção da urbanidade; aquelas pilastras sustentam a vida apressada pouco dada aos contatos pessoais. Cada uma delas pode contar as histórias de tantos não-homens que deixaram parte de suas vidas partidas para a construção de uma cidade que só fez rejeitá-los, atirando-os às favelas. Cada pilastra sustenta o toldo de concreto que não permite que o sol toque o não-solo impermeabilizado por grossas camadas de asfalto, por histórias desumanizadoras. Elas são guardiãs de uma cultura de superficialidades, de desencontros, de relações rasas como as poças de urina que regam suas bases.

A segunda cena é incomodamente paradoxal. Aquelas pilastras que simbolizam com tanta concretude as superficialidades e desencontros da vida urbana servem também de único teto para muitas não-pessoas que se escondem do frio, da chuva e do abandono a que são sujeitas. Não-pessoas fazem desses não-lugares um não-mundo que

⁵⁵ Ibidem. p. 57.

⁵⁶ Cf. Isaías 52. 7.

⁵⁷ GUELMAN, Leonardo. *Op. cit.* p.72-94.

lhes relega a uma não-existência. Possivelmente a única relação afetiva constante que mantêm, se dá com os muitos cachorros que teimam, contra toda a lógica, em permanecer-lhes fiéis.

Esse espaço não-espaço, marcado por tantas contradições, é assumido e integrado na existência profética do Gentileza, para então ser denunciado. Quem, passando por ali, vir a um só tempo as Palavras Sagradas do Profeta e as superficialidades das relações que atiram as pessoas às margens da vida, não pode deixar de ser tocados. E este toque semeia o mundo-pleno, fazendo-o então existir concretamente (melhor seria substantivamente).

O não-lugar se autodenuncia. O não-mundo exige forçadamente sua superação. O mundo-pleno se impõe pela força da integração est-ética. Nisto consiste o peso e a densidade da existência profética. Ela rasga o presente com uma pre-sença que não deixa iludir quanto à possibilidade de um real para além do que imposto. O real é também tudo aquilo que é interdito e nomeado como imaginário.

Essa pre-sença é tão forte que não se pode deixar de vê-la, de ser tocado por ela. Ela é tão radical que a vida trata de protegê-la e, desta forma, protege a si mesma. Os mecanismos de proteção são vários: Oséias foi acolhido na fé e na experiência de um povo que com ele se identificou, e nele ressignificou sua própria existência (o que seria a canonização senão a resposta oficial a esta vivência profunda?).

Gentileza foi agarrado por certa sensibilidade que indica que suas palavras estão entre as únicas que nos podem tirar do caos em que estamos vivendo. Também ele tem sido canonizado. Suas palavras têm inspirado seguidores, fermentado nossa cultura, provocado um censo crítico sobre nossa existência em espaços urbanos. Em suma, “céus e terras passarão, mas as palavras (substantivas) que tomam carne numa existência integrada, nunca passarão”.

Referências bibliográficas:

Livros:

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

FEUGLIISTER, Nortker. *Palavra e mensagem*. São Paulo: Paulinas. 1989.

GUELMAN, Leonardo. *Brasil: tempo de Gentileza*. Rio de Janeiro: Eduff. 2000.

DA SILVA, Airton José. *A voz necessária*. São Paulo: Paulus. 1998.

Artigos:

BOFF, Leonardo. *Espírito de Gentileza*. Publicado em: www.cienciaefe.org.br.

BOFF, Leonardo. *Gentileza*. *Jornal do Brasil*. Publicado em 07/05/2004.

OLIVEIRA, Maria José. *Gentileza nas palavras de um profeta urbano*. Publicado em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/18282>.

Dicionários:

Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova. 2003.

Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português. 14 ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes. 2002.

Dicionário Enciclopédico da Bíblia. 4 ed. Petrópolis: Vozes. 1987.

Dicionário Martins Fontes Italiano-Português. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

Bíblias:

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo: Paulus. 1997.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas. 1991.

A critical aesthetical theoliterary essay from the viewpoint of prophet Gentileza's works

Alessandro Rodrigues Rocha

ABSTRACT: This communication provides a literary-theological reading of the Prophet Gentileza, an important figure of the urban scene of Rio de Janeiro city, from the viewpoint of his prophetic activity: speaking, aesthetics and writing. The article will establish a relation between incarnation (theological event) and setting (esthetical

event), showing an approach that is represented in the figure (biblical or not) of the prophet.

KEY WORDS: Theology. Literature. Gentileza. Aesthetical criticism.